

JANELAS ESPIRALADAS: UMA CARTOGRAFIA EM BITS

SPIRAL WINDOWS: A CARTOGRAPHY IN BITS

Silvânia Cerqueira (PPGAV-/UFBA)¹

RESUMO

O traço poético busca apresentar os caminhos do processo criativo desenvolvido em Prática de Estágio em Pedagogia do Teatro III, componente obrigatório da Licenciatura em Teatro – UFBA, abordagens presentes no meu trabalho de conclusão de curso, arquivo do qual extrair os traços apresentados na escrita. Nessa experiência de docência conduzi um trajeto de escrevivência poética cartográfica, de maneira interdisciplinar, articulando as narrativas desenvolvidas nos encontros virtuais realizados durante a vigência do componente. Como proposta metodológica, realizamos uma partilha e trocas traduzidas em performance, por meio das quais refletimos acerca das marcas do racismo sistêmico com análises pautadas nas relações de gênero, raça e classe social. Os marcadores sociais citados são recorrentes nas histórias das personagens ficcionadas pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. O recorte criativo apresenta a catalogação dos contos Olhos d'água, Ana Davenga e Maria (EVARISTO, 2015) narrativas, que conduziram o processo que resultou na performance Mata-borrão.

PALAVRAS CHAVE

Performance, Escrevivências, Gênero, Racismo

ABSTRACT

The poetic trace seeks to present the paths of the creative process developed in Practical Training in Theatre Pedagogy III, a mandatory component of the Licenciatura em Teatro - UFBA, approaches present in my course completion work, an archive from which to extract the traces presented in the writing. In this teaching experience I conducted a path of poetic cartographic writing, in an interdisciplinary way, articulating the narratives developed in the virtual meetings held during the component. As a methodological proposal, we carried out a sharing and exchanges translated into performance, through which we reflected about the marks of systemic racism with analyses based on gender, race and social class relations. The social markers cited are recurrent in the stories of the characters fictionalized by the Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo. The creative cut presents the cataloging of the short stories Olhos d'água, Ana Davenga and Maria (EVARISTO, 2015) narratives, which led the process that resulted in the performance Mata-borrão.

¹ Valentense, filha de Luciene Cerqueira, em 2016 funda o Coletivo Ventre Livre Quilombo feminino de criações. Discente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais- Linha de Processos de Criação. Membro pesquisadora do Elétrico - Grupo de Pesquisa em Ciberdança" é uma das ações desenvolvidas pelo LAPAC (Laboratório de Pesquisa Avançadas do Corpo) da Escola de Dança da UFBA. E-mail: sil-17@hotmail.com.

KEY WORDS

Performance, Escrivivências, Gender, Racism.

1. Poéticas performativas em janelas: Uma cartografia em Bits

É pertinente explicitar antes de qualquer traço a resistência de um povo massacrado pela ganância, pelo progresso, progresso este que nos permite meditar sobre a continuidade do ser, das tradições, da cultura que prevalece por gerações mantendo-as viva e mantidas em nossa comunidade.

Preservar a sabedoria do vivido, se faz importante, e é algo que nossa ciência tem lutado para reverter, através da aquisição do conhecimento gerado a partir do isolamento dos fenômenos, das coisas, dos contextos, inibindo uma luta coletiva, a que não é correspondente de silenciamento, mas sim, carregadas de falas representativas e pautadas na representatividade, mostrando que é possível pensar, viver e falar junto, sem apagar o outro.

Pensar lugar de fala é sobre saber de onde se vem e respeitar os diferentes lugares de fala, é pensar e entender a surdez epistêmica, e que é preciso assumir uma postura de calar-se para sair da visão voyeur deslumbrante, é preciso ouvir para depois apitar os ditos que não são seus, creio que lugar de fala talvez seja isso, me calo para ouvir, como diz o provérbio iorubano " só senta para ensinar aquele que sentou para aprender", em relação aos corpos (as) pretxs talvez a ação apreender o mundo se dê com o tato, a textura, o degustar, o ouvir, o vibrar do tambor que ergue a coluna e convida o pé para o chão, cosmopecerbendo.

Maria da Conceição Evaristo de Brito (2015) faz este convite o tempo todo em seus contos, ela evoca a união, a coletividade, o fortalecimento da humanidade em torno de valores da vida, para juntxs *desapagarmos* a nossa cultura, retornamos a espiritualidade, até mesmo dos nossos próprios ancestrais causando pelo empobrecimento econômico de nossas vidas, o racismo, a intolerância, o desequilíbrio da nossa biodiversidade, fatores que provocam timidez, conformismo, baixa autoestima, sentimento de culpa, infelicidade, angústia, insatisfação constante e concessão ao dominador, além de cooptação política.

Em “Olhos D’água” Conceição Evaristo constrói uma série de narrativas, composta por 15 diferentes contos que apresentam a história de mulheres e homens negros explicitando diferentes tipos de violências e depreciação da/na sociedade, ao mesmo tempo que conduz o leitor refletir aspectos da ancestralidade e identidade afro-brasileira,

ela nos convida para juntas percebermos a dor poética das personagens, recordarmos nossas memórias, olhando no espelho humano, os olhos, para olhar para o espelho da memória e recordar a cor dos olhos de mães e avós.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe⁷, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta que para ela mesma, ou como estivesse buscando ou encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: -Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2015, p. 19).

Embora a obra não aparente uma narrativa afrofuturista, as escritas e o contexto pandêmico convergiram os espaços desta pesquisa, o ciberespaço foi nosso território, resultado do avanço tecnológico e da evolução das Tecnologias da Comunicação e Informação.

O ciberespaço é um imenso corpo sem órgãos, um corpo-rede. Este corpo-rede cyvbântico, de maneira diferente da atuação da grande rede que conhecemos da televisão, é plural aberto. É não rizomático” (LEMOS, 2002, p.170)⁸

Tal evolução são reflexos do surgimento da cibernética no final dos anos 40 que trouxeram para a contemporaneidade inquietação nas diferentes áreas do conhecimento das ciências humanas e exatas, provocando uma mistura do mundo da metafísica com o da sociologia, antropologia, ou seja, todas as ciências do conhecimento desde as duras às sociais.

O contexto pandemico da Covid 19 convocou os diferentes corpos para atenderem a lógica do confinamento, sendo esta vivenciada de múltiplas maneiras, pois, para além do esvaziamento da ruas, teatro e museus o humano viu-se habitando diferentes telas, vivenciando os múltiplos modos de conexão, com isso os objetos artísticos também sofrem com a precarização de captação de áudio e imagens, pois nem todos os equipamentos disponha de recursos que permitam uma captação igualitária, visto que, os instrumentos de conexão são desiguais, e não podemos negar.

As desigualdades também se dão no campo das representações do corpo feminino negro, estas sua maioria carregam estereótipos e desconsideram as suas intersecções, traduzindo-os dentro uma análise cartesiana e euro-ocidental, e não enquanto um

corpo/casa, parte de uma cultura diaspórica, com marcadores sociais revestidos do ideal mestiço, de um estado doméstico, partindo das diferentes doutrinações corporais e epistêmicas, buscamos compreender as estratégias de domesticação da negra na contemporaneidade, subvertendo a visão da condição servil.

Para isto, o ponto de partida do processo foram a catalogação das personagens descritas na obra de Conceição Evaristo *Olhos D'água*, livro de contos, publicação na qual a autora apresenta de maneira poética o negro da diáspora através da grafia, subvertendo a escrita grafada para pensarmos uma reescrita usando os ruídos impostos pela pandemia, observando a ocupação massiva do ciberespaço, para pensarmos em proposições artísticas narrando nossas experiências formatando um ciberquilombo¹⁰, ensinando e aprendendo nos vendo e trocando (MACHADO, 2013.), pensando caminhos netnográficos e experimentando a “precariedade” dos canais digitais.

Pensar no corpo enquanto materialidade para a arte é buscar uma descoberta da nossa verdade, tirar as máscaras para violar os estereótipos e ampliar a abertura de uma visão de mundo, um rito do estar no entremeio letargia e racional, “A performance não nos apresenta estereótipos preconcebidos e sim criações espontâneas verdadeira” (GUNSBERG, 2005, p. 59), no entremeio do racional/imaginário existe um corpo memória, composto por interseções e encruzilhadas (MARTINS, 1997).

Assim, proposta partiu da tentativa de entender por meio das experiências relacionais os agenciamentos e formatações cartográficas de histórias de mulheres, mapeando artistas negras dispersas, tendo como pretexto a partilha de uma leitura reescrita de maneira performativa via interface digital, sem negar os ruídos, ou seja, desenhando a história figurando nos ambientes virtuais/reais (ecossistema) no qual se pretende compreender a estética relacional para documentar corpos/ sujeitos. Assim corpo e o ciberespaço tonam-se encruzilhadas, comparo o rito do está na tela com o corpo em festa neste entremeio de nossas narrativas se cruzam.

Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento (EVARISTO, 2015, p. 16).

São narrativas e que se cruzam, memórias rematadas no ciberespaço (digital virtual/real) no qual ancoramos durante o fazendo pesquisa nossos territórios existências por meio dele traçamos nossas experiências e festividades com novos ritos performáticos

escrevendo narrativas coletivas/individuais virtuais, ou seja, o espaço da ação e do acontecimento no contexto da oralidade (MARTINS, 1997).

Memória que revive, que redimensiona positivamente a cultura do lugar, a história, o território e suas realidades sociais e psicológicas acumuladas que filam como uma sucessão de narrativas que se perdem (MACHADO, 2013, p. 124).

Retomar nossa histórias para narrarmos nos diferentes espaços são ações emergenciais, é pensando em bifurcar o ciberespaço mesmo diante da precariedade de instrumentos e corpos, que traduziremos nas páginas que seguem as trilhas que resultaram na célula performática Mata-borrão.

2.Odú: Abrindo Riachos em chão seco

Antes de traçarmos um caminho possível de andanças no caos é pertinente pensarmos na atualização das maneiras de escrever e nas possibilidades de falar em língua (ANZALDÚA, 2000). É pensando nas diversas línguas que podemos explorar que busco por meio desta proposta transitar, inter-relacionar caminhos, abrir desvios, afinal, são os desvios o lugar dos encontros e desencontros.

O desencontro também é parte das contaminações as quais desejamos expor, colocá-las pra fora sem fantasias, expondo a sua estética, e percebendo os vazamentos. O mundo on-line é uma cultura oral, uma atualização é um mundo interativo em evolução, um mundo de arquivos de fluidez dos sólidos e o consumismo se faz presente constantemente (BAUMAN, 2001).

Processos cibercartográficas é cada vez mais comuns, reflexo da complexidade das experiências da sociedade digital. Isso deriva do fato de não ser mais possível entender e/ou estudar uma determinada cultura e vida social sem integrar o estudo da internet e da comunicação mediada por computadores (KOZINETS, 2002), em relação a cibercatografia (SOUZA, 2018), desterritorializando e cruzando pedindo licença a Exú configurando a cartografia, entendo-a enquanto uma desterritorialização na qual a multiplicidade de linguagens conflui ((DELEUZE e GUTTARI, 2006) atualizando também, as maneiras de escrever e nas possibilidades de falar em língua (ANZALDÚA, 2000).

Pensando nas diversas línguas que desta proposta transitamos, inter-relacionarmos caminhos, abrimos desvios, afinal, são os desvios o lugar dos encontros e desencontros, ou seja, “nas emergências dos saberes corporais que se inscrevem ações

decoloniais (RUFINO, 2016, p. 54), ao mesmo tempo que tecia um caminho metodológicos inclusivos “esfera transnacional, têm sido distorcidas ou excluídas daquilo que é definido como conhecimento (COLLINS, p. 139) “ O racismo também será um princípio organizador daqueles que podem formular um conhecimento científico legítimo” (COSTA; TORRES; GROSGOGUEL, 20019).

a imersão do pesquisador no grupo a ser estudado e a sua convivência com a cultura local para entender, ou melhor, mergulhar no modo de ver e pensar o mundo daquele grupo, a fim de poder falar sobre ele” (MARTINS, 2012, p. 1).

Em meio a tais análises, traçarmos os mapas cartográficos considerando a inexistência de verdades absolutas, enquanto fuga das teorias formalistas dos métodos modernistas que generalizam questões problemas em concretos ao analisar objetos, e com base na epistemologia do pensamento científico, por isso está pesquisa possui caráter qualitativo com abordagem netnográfica, um método derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia.

Propondo uma cartografia de experiências performativas, de diferente corpos, nesta proposta atribui-se ao corpo¹³ um conceito ancorado nos ensinamentos afro-brasileiros, entendendo este enquanto mapa vivo de existência, um corpo- território, umbigo que nos liga com os nossos ancestrais, via conexão compreendendo o corpo enquanto território, ou seja , corpo/casa, corpo/experiência e memória, mapas de existências, re-existências e ancestralidade guardadas no *Iroco* (morada de nossa ancestralidade, orixá tempo) (MARTINS, MARINHO, 2010).

Buscando caminhar por epistemologias femininas para burlar e bifurcar as narrativas e mapas de existência elaborados ao longo dos anos pelo projeto colonialista, o qual define nossos corpos enquanto compartimentos, dividindo-o de maneira cartesiana, juntas escreveremos nossas narrativas e nossas abordagens, um *Elekô*¹⁴ , ocupando territórios físicos por meio do poder comunicacional de Exú (mídias digitais), transfundindo o espaço/tempo e cartografando história de mulheres negras.

Pensar em nosso *Elekô cyber*¹⁵ pressupõe a necessidade de entendermos as ressonâncias provocadas pelo surgimento da cibernética no final dos anos 40, as quais trouxeram para a contemporaneidade inquietações nas diferentes áreas do conhecimento das ciências humanas e exatas, provocando uma mistura do mundo da metafísica com o da sociologia, antropologia, ou seja, todas as ciências do conhecimento desde as duras às sociais, desta maneira os não tivemos um método, fizemos uso de diferentes métodos.

Enquanto a etnografia se propõe a pesquisar as culturas de um determinado povo ou grupo social, a netnografia busca estudar essas comunidades sem uma localização física fixa, por estarem alocadas no ciberespaço, mas que influenciam a relação do modo de ser, agir e pensar dos grupos e pessoas frequentadoras desses novos ambientes constituídos no espaço cibernético.

Performar nos entremeios, de maneira autoetnográfica, visando entender como alguns aspectos influenciam a autorreflexão sobre os diferentes corpos confinados; cartografando mulheres (corpo- territórios) não foi fácil, confesso que a fato e estar/ ser da comunidade provocou uma fusão da pesquisadora com a pesquisa, a tradução parecia mais uma autoetnografia, me perder no caminho, e fui tentando fazer a tradução das personagens presentes nos contos lidos.

Após a aprovação do projeto no Edital Pibexa Tessituras, era preciso organizar a chamada para o processo, inicialmente pensei em limitar as inscrições, sabia das dificuldades de conexão, no ambiente virtual de baixa conexão quanto menor o envio de dados melhor.

Embora soubesse das dificuldade de acesso, optei por não restringir, a ideia era aceitar quem chegasse, e assim realizei a chamada de mulheres negras de idade igual ou superior a 18 anos para participar da proposta.

Dividi em duas turmas uma tarde e outra noite, o mesmo plano de aula realizado a tarde era realizado a noite, chamo este momento da pesquisa de confinamento I, nessa etapa as reunião eram gravadas via google meet e fazíamos os registros das palavras espiraladas no drive, após os estudos e compartilhamentos era necessário realizar a colagem do que havia sido gestado, o confinamento II com o encontro das três participantes neste momento apresentei a ideia de Mata-borrão, para juntas pensamos em um título o figurino nas células individuais. Após a reunião para definirmos a não estética da cena as participantes apresentaram a concepção de suas células.

- **Adriane Castro-** Quarto – aquário, segundo ela durante um dos exercícios de contato de improvisação com objetos ela sentiu que sua cama era um aquário gigante, emergindo assim um poema a performance quarto aquário.
- **Edenice Santos**, não deu nome, mas descreveu sua proposta da seguinte forma: o suporte representa nossa estrutura; a água simboliza limpeza; os olhos nossa alma; o algodão nossa delicadeza; o fogo nosso instinto; os pés nossos caminhos. O experimento quer dizer que, de dentro para fora, precisamos manter nossa delicadeza mesmo quando nossos olhos são embaçados com tintas que nos

queimam e corroem nosso interior. Aconteça o que tiver que acontecer precisamos manter nossos pés no Primeiro encontro em três, após uma reunião iniciamos uma transmissão pelo *streamyard*, independente das condições de conexão o improviso seria realizado, eu fiquei controlando as telas, foi a primeira vez de uma das participantes, elas não tinham tido contato com a plataforma, mas estamos ali, dispostas a realizarmos o encontro Mô Maiê em Mariana (MG), Adriane Castro em Livramento de Nossa Senhora (BA), Edenice Santos em Maragogipe (BA) e eu Silvânia Cerqueira em Salvador (BA). Começamos as quatorze horas iríamos transmitir, mas a conexão de uma das participantes estava ruim, ficamos aguardando, nesse dia concluímos a reunião no início da noite, a luz desenhava a imagem, pois com o passar da tarde a incidência de luz solar foi reduzida o que contribuiu para o desenho das imagens.

Cada uma realizou seu ritual em seus espaços, Adriane escolheu o quarto porque em uma das improvisações conduzidas com som de águas, segundo ela se sentiu em um imerso aquário, a cama tornou-se um mar para aquele corpo que se acolhia ao som e aos lençóis enquanto viajava por memórias.

2. Corpo casa morada de nossa existência /palavras espiraladas

Trazemos conosco uma história de vida, em que percebemos que a luta dos que vieram antes foram fundamentais e agenciadas com outras armas, isso se deve ao fato do calibre do colonizador ser visível. A resistência de uma docilidade de corpos, inspiradas na barbárie criada pelo branco. Na atualidade, lutamos para existir. Uma existência epistemológica, pois o colonizador, além de adestrar os corpos colonizados, perpetuou seu modo de viver e os seus hábitos, apagando uma diversidade de saberes e formas de ver o mundo.

Diante disso, é preciso entender que existir, na contemporaneidade, é sinônimo de sobreviver, talvez, seja o primeiro passo. No entanto, estar vivo não é suficiente, faz-se indispensável buscar caminhos, considerando os sujeitos, centralizando as nossas motrizes culturais para regarmos o nosso baobá de memórias que foram apagadas ou embranquecidas.

Necessita-se jogar tinta de urucum, pasta de jenipapo, berimbau, jorrar águas de cabeça para, juntas, descolonizar nossas narrativas, chamando as de agora para o quilombo contemporâneo, no qual a principal arma é a linguagem.

Lamenta-se, mais ainda, viver os reflexos do eugenismo e, obviamente, seria muito ingênuo pensar fora de tais teorias, visto que somos afetados por elas, por isso lembrar, todos os dias, a história dos nossos ancestrais, desromantizando as violências culturais da colonização, é uma ferramenta imprescindível de resistência.

Para isto é preciso ouvir as subjetividades do ser mundo, e juntos, percebermos a *bioancestralidade*, apagada pela cultura do colonizador que traz tradições inventadas, formando ilhas e, ao mesmo tempo, coletivizando os envolvidos nas trocas que envolvemco corpa/sujeita, e ignorando os entremeios.

É importante perceber como o racismo opera em nossas narrativas, iniciando, desde a primeira infância, abordagens que envolvem o multiculturalismo e a compreensão de “que nós não nascemos racistas, nos tornamos”.

O colonialismo europeu configurado no decorrer da segunda metade do século XIX, período no qual se constituiu a superioridade eurocristã (branca patriarcal), modelo ariano responsável por direcionar o olhar da produção acadêmica, exotizando as manifestações culturais dos povos “selvagens”, transformou todos em primitivos, iniciando assim, a violência etnocida, da qual ainda temos os fantasmas do colonizador, resquícios que na contemporaneidade se apresentam revestidos e reordenados por uma cultura do branqueamento, sofisticação que segmenta indígenas e negros (GONSALEZ, 1988), e controla os corpos por meio da educação, análises das quais emergem o desejo de deseducador, e fazer uso de uma não estética.

Para a perspectiva crítica do Hemisfério Sul, o tempo educacional é o da descolonização, portanto, tempo de algo como a “reeducação” ou a reinvenção dos sistemas de ensino, com vistas a diversidade simbólica entrevista na dissolução das grandes explicações monoculturalistas do mundo. (SODRÉ, 2012, p. 15)

Descolonizar nossas narrativas pressupõe romper a monocultura, baseado em uma perspectiva racista implementada nas instituições brasileira desde a lei de 1871. A “lei se referia claramente às dificuldades de incorporar as crianças nascidas livres [...] no sistema educacional” (FONSECA, 2013, p. 29).

Isso remete percebermos o poder de decisão sobre a educação dos negros. Desde o período colonial, a revisão da história da educação brasileira traz, em suas narrativas, a segregação de uma classe e raça “Sabemos que as sociedades ibéricas estruturam-se a partir de um modelo rigidamente hierárquico, onde tudo e todos tinham seu lugar determinado” (GONZALEZ, p.73, 1988), o nosso lugar não é apenas na cozinha, somos capazes de

poetizar. A atuação do Estado nos diferentes períodos pressupõe a necessidade de transgredir as práticas estéticas, para compor a roda na qual a ciranda do conhecimento é a canção compartilhada, descentralizando saberes.

Entendo todos os envolvidos, envoltos de suas objetividades que podem ser acessadas se pensarmos em uma *pretagogia*, ou seja, uma abordagem afrocentrada que considera as particularidades de negros e negras como base filosófica de uma conceitual cosmovisão africana, julgando as individualidades do sujeito e, ao mesmo tempo, entendendo como potência. “O propósito da Pretagogia é de trabalhar com todas as referências africanas e afro diaspóricas que veiculam a cosmovisão africana que, de fato, é um universo imenso de diversidade” (PETIT, 2015, p. 151).

[...] os estudiosos brancos, mais do que os negros, sempre entenderam a importância de controlar o pensamento histórico e social. A melhor maneira de controlar um povo é controlar o que ele pensa sobre si mesmo. (LARKIN, 2009, p. 60)

O intuito desta pesquisa partiu do interesse de entender o corpo enquanto uma potência criativa, pois a nossa raiz ancestral é o nosso corpo, considerando todos os traços fenotípicos e fala percebidos na infância. Partindo do nosso corpo, enquanto uma cultura viva, negamos uma monocultura que ignora, de diversas formas, outras culturas e conceituações, buscando condicionar a visão de mundo.

[...] comportamentos etnocêntricos resultam em apreciações negativas de padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais. (LARAIA, 1986, p. 76).

Assim, tomamos os corpos enquanto materialidade para a arte, buscando por nossa verdade, visto que temos a capacidade de questionar o nosso modo de vida (LARAIA, 1986) e, assim, tirar as máscaras para violar os estereótipos, ampliando a abertura de uma visão de mundo, um rito de estar no entremeio, no intermédio do racional e imaginário existe um corpo memória, composto por interseções e encruzilhadas (MARTINS, 1997).

O cruzamento do sujeito com o mundo provoca a sua percepção do outro e a relação dele com os envolvidos, corpos de diferentes raças e etnias que revelam “o espaço como configuração de locais identitários pode revelar entre os grupos presentes relações desiguais” (ADESKY, 2009, p. 55).

Pensar as narrativas femininas remete entender as relações de forças negativas e positivas, para juntas é assumirmos uma postura pensando em meios para recuperar a autoestima e refletir, de maneira multicultural, recuperando as identidades através de referências sobre a história e a cultura africana, explicitando nossas raízes diaspóricas

(NASCIMENTO, 2009, p. 21), e assim abandonar o cativo da linguagem racista (GONZALEZ, 1988).

É pertinente entender a estrutura racista que se firma a cultura escolar brasileira, ocasionando na necessidade de assumirmos práticas antirracistas no cotidiano escolar, transgredindo-o (HOOKS, 2013). Potencializando os quilombos urbanos, conceito apresentado por Josimeire Alves Pereira (2014), no qual a autora afirma que a “autoatribuição que se fazem às comunidades de favela das grandes cidades brasileiras, cuja população, majoritariamente negra, sofre, historicamente, os impactos da segregação socioespacial” (p. 49), fatores que influenciam no lugar ocupado por negros, é pensando nessas ocupações que nas próximas linhas apresentamos uma decupagem dos contos expondo as intersecções da escrita vivente com as nossas experiencias.

3. O tempo/esse tempo que atravessa/existências dispersas, hoje o tempo atravessou meu rito

O tempo/espaço sempre estiveram presentes nas relações humano/mundo, e este atravessou todo o processo, que contou com 12 inscritos dos quais foram selecionados 6 de acordo com a disponibilidade de horário, no formulários de inscrição foi sugerindo diferentes horários, o intuito era deixar que as escolhas individuais direcionasse a formação do grupo, após encerrado o prazo de inscrições, foi realizada o envio da proposta via e-mail e agendamento do primeiro encontro, via google meet, disponibilizei um drive para compormos um texto teia, registramos palavras soltas sobre a experiencia de cada encontro, eram 6 mulheres e 1 homem, desses permaneceram apenas 3 mulheres, as propositoras da performance Mata-borrão.

Estávamos no meio de uma pandemia, o objetivo era juntas realizarmos a leitura de todos os contos, cada uma escolhia um conto para trazer na próxima aula, a ideia de ler todos foi abortada, pois eu precisava organizar o processo que conduziria a conversa e práticas, acabou que decompomos apenas três contos: Ana Davenga, Olhos d’água, Maria, digo que decompomos porque não foi realizada uma análise do discurso, até porque não era o intuito. As próximas linhas apresenta sintetize da condução dos desvios criativos e as reflexões emergidas em cada etapa.

- **Encontro 01:**Apresentação da proposta, exposição da obra e biografia da autora (foi solicitada de todas lessem o conto Olhos d’agua)
- **Encontro 02 (primeira prática):**- Meu nome cantado: quem sou eu? (realizamos um exercício de voz, a jogo se resumia em cantar as sílabas de seus nomes.

-O nome de Edenice Santos passou a ser escrito da seguinte maneira: -Eeie ao ia
(Edenice Silva - 12/10/2020)

-Cicatrices (palavra que traduz o texto/prefácio “Olhos D’Água”) - (Edenice Silva -
12/10/2020)

- **Encontro 03- Samba/Ana:** Nesse encontro sambamos, cada participante escolheu um samba e juntas sambamos, a ideia de sambar foi o recorte que realizamos para refletirmos sobre o conto, no conto a Ana Davenga conhece seu homem numa roda de samba.

- O suor também é escrita (Silvânia Cerqueira - 26/10/2020) “Camarão que dorme a onda leva, hoje é o dia da caça, amanhã do caçador. Não pense que o meu coração é de papel, não brinque com o meu interior”!... (trecho da música compartilhada por Edenice Santos.

-Adriane Castro apresentou um samba, cantou e sambou.

-Em meio às dores também devemos festejar (reflexão obtida no conto: Ana Davenga). (Edenice Silva - 26/10/2020).

-O tempo/esse tempo que atravessa/existências dispersas, hoje o tempo atravessou meu rito (23/11/2020).

- **Encontro 04- Unguento, como fechar os cortes:** “faca a laser corta até a vida”, durante o encontro entoamos um acalanto Tupi, e movemos o processo ao som de cabaças, a proposta de imersão consistia em imaginarmos as cicatrizes que possuímos, poderia ser física ou emocional, após o retorno ao “corte”, maceramos uma folha e fizemos nosso unguento, colocamos sobre a ferida, vale ressaltar que todo o processo de imersão exigia um preparo com incensos e defumação da casa, pois mesmo longe era precisa cuidar e fechar o corpo, Exú movia a abertura das janelas virtuais.
- **Encontro 04:** O tempo/esse tempo que atravessa/existências dispersas, hoje o tempo atravessou meu rito (Silvânia Cerqueira 23/11/2020). E do nada chegou o dia da mostra, foi quando Edenice Santos apresentou as materialidades proposta:

O suporte representa nossa estrutura; a água simboliza limpeza; os olhos nossa alma; o algodão nossa delicadeza; o fogo nosso instinto; os pés nossos caminhos. O experimento quer dizer que, de dentro para fora precisamos manter nossa delicadeza mesmo quando nossos olhos são embaçados com tintas que nos queimam e corroem nosso interior. Aconteça o que tiver que acontecer precisamos manter nossos pés no chão, pois

muitos caminhos surgirão em direção ao sucesso ou ao fracasso, à paz ou à discórdia e a decisão final partirá de nós mesmos. Pés descalços e olhos d'água (Edenice Silva, 23/11/2020)

Adriane Castro – Apresentou a sua ideia que chamamos de Quarto Aquário, durante o encontro conversamos e chegamos a conclusão que o Quarto Aquário imaginada era a sua tradução.

- **Encontro 05:** Reunião para a primeira transmissão (chega de MÔ Maiê e junto ela nos trouxe os sons da cidade de Mariana), a ideia era realizar uma transmissão online para registrar o improviso que comporia o vídeo final, já havíamos enviando o trecho dos experimentos para compor a mostra da turma (eu não falei, mas a proposta além de ter sido um experimento artístico financiado pela Pró-Reitoria, também foi o meu Estágio III, teríamos que compor a mostra final da turma)- enviamos no mesmo dia uma célula da proposta, nosso objetivo era negar a imposição de gravar e editar vídeos, queríamos performar, e foi o que aconteceu.

Atrasos nos bastidores, entendimento do funcionamento da plataforma, tudo isso atrasou em uma hora a gravação, o que foi maravilhoso, gravamos com a queda de luz natural, depois de muito choro, era preciso fechar a sala.

- **Encontro 06:** Última transmissão: gravamos a última ação performática, enfim, acreditamos que conseguimos elaborar um caderno virtual¹⁶ que seria a nossa obra, expondo as precariedades do fazer e as condições que o acesso e não acesso desenham os caminhos de nossas composições artísticas “o gesto criador precisa falar da beleza da precariedade de formas inacabadas e da complexidade de sua metamorfose” (SALLES, 1998, p.160). A precariedade das formas inacabadas convergiu com a precariedade de nossas corpos.

4.Desconsiderações finais: O suor escreve/iroco é morada de Eguns/O rio é minha morada.

Na cultura africana e afro-brasileira Iroco é a grande árvore encantada, pai e mãe de tudo que existe no mundo do sagrado, orixá patrono da liberdade, mora no tempo e detesta espaços fechados e muros ao seu redor, cultuada pelo iorubas para eles “diferentes tipos de árvores são habitadas por espíritos encantados, os quais são habitados por espíritos encantados” (MARTINS; MARINHO, p. 21, 2010).

Embora a árvore tenha em sua simbologia diversas narrativas, a abordagem proposta nessa pesquisa é a de que o baobá o centro de nossa ancestralidade, é a conexão de nossa existência, fonte de nutrientes, vida, ou seja, um corpo ancestral para pensarmos “nossa ancestralidade, a capacidade que temos de reproduzir a vida, sob todas as formas de fertilidades e criatividade” (PETIT, 2015, p. 93).

Pensar em estratégias para adentrar as narrativas acadêmicas e seus códigos moveram ao encontro da filosofia Deleuziana, tentei me ancorar na cartografia, pautando as existências de um corpo/memória, partindo da obra de Conceição Evaristo, mas a caçada abriu diferentes trilhas o rizoma, raiz de Iroco permitiu que cruzássemos fronteiras físicas/ virtuais.

Concluo o rito iniciado em Mata-borrão com a certeza que o ritual foi instaurado e a cura também teve seu início, é impossível transcrever os segredos que carregamos na cabeça, os caminhos são múltiplos, o corpo formado por fluidos e casa de existência e ancestralidade se fez presente desafiando um sistema excludente e enfrentando a denúncia da linguagem racista, a qual não perdemos tempo em causar constrangimento, acredito que o constrangimento acontece quando somos confrontados pelo não entendimento de propostas fora dos padrões colonialista.

Sempre que concluo uma proposta a pergunta que me faço é a seguinte: O que ficou? neste projeto ficaram angustias, como fora citada nas linhas anteriores a dúvida do branco quanto a qualidade de escrita, ou descrenças em propostas maquiadas de branquitude por receio de não ser entendida é a primeira denúncia, assim, nesta proposta percebi que o projeto antirracista é para além dos guetos que moramos e habitamos, a academia ainda tem muito que a aprender. Me perdi na obra, vi minha mãe, vi minha irmã, vi estudantes com as quais cruzei nos terreiros que pisei, confesso que foi uma escolha dura para revisitar na pandemia, mas também foi um encontro.

Conversei com as mulheres que habitam em mim, revisei as narrativas de minhas irmãs, e fiquei perdida com todos os fantasmas construídos com a falácia de se blindar, sim, me perdi na cartografia porém iniciei ampliação de meu quilombo tô tentando, não vivo de devires quilombo, a ideia agora é agenciar os diferentes conceitos para pensar o ciberquilombo, pois como disse Conceição Evaristo reproduzindo o dito de Ângela Davis " eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer".

Cumprindo o contrato de não morrer, saio desta experiencia, mais confusa do que entrei, carrego as ausências de métodos assertivos e de pedagogias não ditas, pois ao final

compreendi que transitei adequando, as adequações desenharam a proposta, a obra não foi nosso contexto, os contos foram as vozes dos coletivos que habitamos.

REFERÊNCIAS

ADESKY, d' Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismo e anti racismo no Brasil**. Rio de Janeiro. Pallas, 2009.

ANZALDÚA, Glória. “**Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**”. Revista Estudos Feministas, Vol. 8, N.1, 2000, pp.: 229-236. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880pdf>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CESAIRE, Aime. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Claudio Willer. Veneta, São Paulo 2020.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 3 edições, 2013.

COHEN, Renato. **Work in progress na cena contemporânea: criação, encenação e recepção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

COHN, Sérgio (org.). **Ailton Krenak**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista. In: **Decolonialidade e pensamento**.

COSTA, Elizama Franciane da; OLIVEIRA, Patrícia Alessandra de. O sofrimento Psíquico causado pelo racismo e o seu impacto na subjetividade. **REVISTA UNINGÁ**, [S.l.], v. 56, n. 1, p. 114-130, mar. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs 1: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34/1995, 4ª reimpressão, 2006.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; CHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008

FRANK, Priscilla. **Realismo mágico, história da África e ficção científica: conheça o Afrofuturismo**. Geledés, 2016. Disponível em: Acesso em: 25 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes Necessários à prática educativa.** 55° ed. Paz&Terra, Rio de Janeiro/São Paulo, 2017.

GONSALEZ, Leila. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Org. Flavia Rios e Marcia Lima. 1° ed. Editora Zahar, Rio de Janeiro 2020.

GONZALEZ, Léila. A categoria político- cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro.** Rio de Janeiro, N° 92/939 jan./jun). 1988b, p. 69-82.

hooks, bell. **Olhares negros raça e representação.** Editora elefante, 2018.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito Antropológico.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1986.

LARKIN, Elisa Nascimento (orgs). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo. Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira. 2009.

LIGEIRO, ZECA. **O conceito de “Motrizes Culturais” Aplicado as práticas performativas afro- brasileiras.** Pós Ci. Soc. v.8, n.16, jul./dez.

MACHADO, Vanda. **Pele escura cor da noite.** EDUFBA, Salvador 2013.

MAFESSOLI, Michel. **O tempo retorna.** Formas elementares de pós-modernidade. Rio de Janeiro, 2012.

MARTINS, Cléo; MARINHO, Roberval. **Iroco: O orixá da árvore e a árvore orixá.** Pallas. Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, Leda Maria. **Acrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá.** São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte; Massa edições 1997 – Coleção Perspectiva.

MARTINS, Tatiane Marques de Oliveira. **A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital,** 2012.

MUNIZ, Sodré. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes.** Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro, 2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. Periferia. In: **Africanidades e Relações Raciais: Insumos para Políticas Públicas na Área do Livro, Literatura e Bibliotecas no Brasil.** (Orgs). Cidinha Silva. Fundação Cultural Palmares. Brasília, 2014.

PEREIRA, Alves Josemeire. Quilombos urbanos. Periferia. In: **Africanidades e Relações Raciais: Insumos para Políticas Públicas na Área do Livro, Literatura e Bibliotecas no Brasil.** (Orgs). Cidinha Silva. Fundação Cultural Palmares. Brasília, 2014.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03.** Fortaleza, CE: EdUECE, 2015.

RUFINO, Luiz. **Performances Afro-diaspóricas e decolonialidade: O sabor Corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas**. Revista Antropolítica, n. 40, Niterói, p.54-80, 1. sem. 2016

SALLES, Cecília. Almeida. **Gesto inacabado: Processo de criação artística**. 1º ed. FABESP, Annablume 1998.

SANTAELLA, Lúcia. Arte, ciência e tecnologia: Um campo em expansão. In: **Percursos contemporâneos: Realidades das artes, ciência e tecnologia**. Org. Pablo Goleila. EdUEMG, Belo Horizonte 2018.

STELLA, Mãe de Oxóssi; Viana Juvany. **Expressões de Sabedoria educação, vida e saberes**. (org.) Nelson De Luca Pretto e Luiz Felipe Perret Serpa. EDUFBA, Salvador 2002.

TORRES, Maldonato, COSTA Joaze Bernardino, GROSFUQUEL, Ramón (Organizadores). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2º edição. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2019.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Ubu editora, São Paulo 2020.